

# Retratos brasileiros

Biografias dominam os primeiros dias do festival de documentários **É Tudo Verdade**

Suzana Velasco

**Z**ezé Motta chegou com um copo de cerveja e deu à amiga Patrícia Pillar:

— Para mim, pelo menos, acalma — disse Zezé.

Patrícia estava nervosa antes da primeira exibição de seu primeiro filme, “Waldick, sempre no meu coração”, na última sexta-feira, no Unibanco Arteplex. O média-metragem foi um dos destaques do primeiro dia do 13º festival de documentários **É Tudo Verdade**, que, até o próximo dia 6, vai apresentar 137 filmes, em sessões gratuitas.

— Quando você faz um personagem na TV e no cinema, há um tempo para ele se separar de você — disse a atriz e, agora, documentarista. — Mas o filme é uma visão minha em relação a esse tema, esse homem, esse artista.

Zezé voltou.

— Só mais um gole, Patrícia! — recomendou a cantora e atriz.

— É que ela sabe que eu sou *timidíssima* — justificou a diretora estreada, enquanto o marido, o deputado Ciro Gomes, distribuía sua pipoca gigante aos amigos.

O documentário faz parte da mostra “Vidas brasileiras”, em que o olhar de Patrícia sobre Waldick Soriano acompanha outros retratos: do ator Paulo Gracindo, do escritor Antonio Callado, do cineasta Joaquim Pedro de Andrade e dos músicos Caetano Veloso e Mário Rocha. Em “Waldick, sempre no meu coração”, Patrícia se aproxima do personagem Waldick Soriano, que se veste à la Durango Kid e conquista as mulheres com seu vozirão e suas músicas, sejam elas românticas ou bregas, e do homem solitário, que “às vezes tem que mentir que é feliz, e isso dói”.

— A primeira vez que vi aquele cara grande, todo de preto, fiquei fascinada. Ele foi deixando eu chegar perto aos pouquinhos, me deixou afastada durante algum tempo. Af eu gamei — contou ela, que, como fã, dirigiu um show de Waldick, lançado em DVD. — Ouvindo as músicas dele, fiquei encantada e surpresa de como ele me comovia. E o fato de o Waldick ser um migrante, ter saído do interior da Bahia, conta a história de muitos brasileiros que saíram de suas cidades, abandonaram suas famílias.

**Claudio Manoel: entaves**

**no direito de imagens**

• Histórias de migrantes, sucessos e declínios brasileiros marcaram o primeiro fim de semana de festival. A sessão seguinte à de “Waldick...” foi a de “O tempo e o lugar”, de Eduardo Escorel, sobre a vida também nômade de Genivaldo da Silva, agricultor de Inhapi, no interior de Alagoas. Genivaldo, o Geno, fez parte do MST, do qual foi expulso por discordar de seus métodos, integrou a Pastoral da Terra, com a qual se desencantou, e militou no PT, partido do qual também foi expulso. Hoje, continua sendo um líder importante em sua região.

— A trajetória de militância do Genivaldo tem um lado muito contemporâneo. Ele teve um percurso paralelo ao do Lula, mas com um destino diferente. Continua muito fiel à sua vocação política, mas fora das instituições — afirmou Escorel, cujo filme participa da mostra competitiva. — Ele migrou, mas nunca se adaptou à vida de peão. Conseguiu voltar a seu lugar de origem e fazer sua vida lá. O Genivaldo se transformou muito ao longo da vida e tem um repertório de sabedoria popular e experiência raros hoje em dia.